

Katherine Vaz em Tradução:
“Fado e Outras Histórias” como recuperação da memória açoriana

Helena Anacleto-Matias
hanacleto@iscap.ipp.pt

Instituto Superior de Contabilidade e Administração
do Instituto Politécnico do Porto

INTRODUÇÃO

Katherine Vaz é uma representante viva da essência do ser e da identidade Luso-Americana. “Fado and Other Stories” demonstram como os usos e os costumes açorianos sobrevivem no imaginário colectivo de um grupo étnico nos Estados Unidos da América do Norte (E. U. A.). Em tempos defendi a ideia de “cristalização no tempo e no espaço” de características nacionais no terreno da diáspora; gostaria de rever esse conceito, passando a apresentá-lo como uma reconstrução da memória no tempo e no espaço longínquos. Trata-se de reescrever uma realidade com o filtro da distanciação no tempo e no espaço: a estória que se conta não é exatamente a sua, mas a dos bisavós; a estória que se conta não é exatamente a sua, mas é passada num Não-lugar, que é a Mátria – e é precisamente por ter essa distanciação que se torna sua, porque é uma estória elevada a história e é a sua compilação que forma a História dos Açorianos nos EUA.

Além do aflorar das preocupações com a Atemporalidade e a Distopia, serão tecidas considerações sobre a necessidade imperiosa de traduzir a literatura portuguesa para inglês e de recuperar leitores portugueses para a literatura que é escrita sobre eles noutras línguas, tomando Katherine Vaz como um exemplo. As metáforas da tradução como porta e como ponte ilustrarão aspectos como a (in)visibilidade do Tradutor, a noção de co-autoria por parte do Tradutor, a dimensão universalizante da obra antes e depois de ser traduzida, a técnica da tradução, os canais transmissores das traduções (as casas editoras) e os estudos da receção da obra traduzida por parte do público consumidor de literatura.

1. Literatura Étnica

O termo "Literatura Étnica" tem sido referido desde, pelo menos, os anos 80-90 como querendo dizer «Literatura de um conjunto de autores que se identificam com um determinado grupo étnico, geralmente alheio à maioria (ainda?) dominante nos Estados Unidos da América anglo-saxónica, protestante e branca, os tão chamados *WASPs*». Numa altura em que Barack Obama se torna Presidente dos EUA, há toda uma previsão de alteração do cenário étnico.

Não se preconiza uma radicalização de triunfo do grupo étnico dos Negros, mas, sem dúvida que as peças no xadrez no jogo do poder se alteraram: já não são "primeiro as peças brancas"... as peças pretas do xadrez do jogo acabam por ser de igual importância, sem primazia de umas em detrimento das outras. O mesmo acontece com o grupo étnico dos *WASPs* e com o grupo étnico dos Negros.

Foi na altura dos anos 80-90 que se popularizaram Cursos e Disciplinas nos *curricula* universitários norte-americanos relacionados com as minorias em geral e em particular, quer sejam as minorias religiosas, quer sejam raciais, quer sejam as minorias de orientação sexual. Foi este interesse específico em áreas que não pertenciam à maioria dominante que deu origem ao desenvolvimento das disciplinas ligadas aos Estudos da Mulher, à Literatura Negra, ou aos Estudos *Gay e Queer*, por exemplo.

A concepção de "Literatura Étnica" tem sido aceite como pertinente por muitos autores e críticos, mas também tem sido questionada como sendo ou não de valor: será que é legítimo e importante subdividir a Literatura em sub-áreas étnicas? Será que é do interesse e é relevante para essas minorias étnicas que exista algo nos Estudos Literários que separe as suas literaturas da da maioria, conferindo-lhes um estatuto especial e à parte? Não estaremos a proceder a uma estratificação cultural, defendendo uma segregação literária? Ou, pelo contrário, se procedermos a uma definição de "Literatura Étnica", não estaremos a valorizar, isto é, a reconhecer o devido valor às minorias étnicas e a reconhecer um *status quo* que pertence às suas literaturas? Não será, portanto, relevante estudar e divulgar essas literaturas para que a sua importância seja reconhecida por todos?

No fundo, a própria definição de "Literatura Étnica nos Estados Unidos da América" não é pacífica; se para uns significa literatura com uma temática étnica escrita em inglês, não faltarão vozes que defendam que essa mesma literatura deveria ser

escrita nas línguas nacionais dos grupos étnicos aos quais os autores pertencem, para as divulgar na maior parte dos Estados Unidos e no resto do mundo. Há que considerar igualmente a importância indiscutível de traduzir de e para outras línguas as literaturas minoritárias e criar, indubitavelmente, unidades curriculares universitárias e/ou no Ensino Superior que emancipem este tipo de estudos, nomeadamente os Estudos Açorianos.

É neste enquadramento ideológico do questionar que se propõe uma reflexão sobre a seguinte problemática: será legítimo considerar que existe uma Literatura Luso-Americana-Açoriana? E, partindo da hipótese que é legítimo, proceder-se-á a uma exploração deste conceito no enquadramento mais alargado dos Açorianos. Para tal exploração, tenta-se ilustrar os argumentos com uma possível abordagem de uma escritora americana que, congregando em si a Costa Leste e a Costa Oeste dos EUA, bem como a herança cultural açoriana, é um bom exemplo do multiculturalismo de proveniência açoriana.

As razões que levaram à sua escolha para ilustração deste argumento são de interesse relevante. Por um lado, Katherine Vaz, é californiana, mas trabalha na Costa Leste e já se apresentou pessoalmente em Portugal, promovendo as suas obras, as quais já foram traduzidas para português; aliás em edições muito recentes, como é o caso da obra *Fado e Outras Histórias*, cuja primeira edição traduzida para a língua portuguesa data de Agosto de 2003.

Faz-se uma abordagem de enquadramento desta obra com uma vertente integrada nos Estudos da Tradução. De facto, a relação linguística, cultural e translatória da obra desta escritora com a sua tradução publicada em Portugal é marcante.

Passe-se agora a um carácter mais descritivo do que propriamente polémico e que mostra o grupo étnico dos Açorianos e dos Continentais enquanto componentes da população presente nos EUA. Existe uma entidade presente na população Norte-Americana: seria possível descrever uma comunidade da Costa Leste com pormenor, já que nos foi dado estudá-la enquanto observadora-participante desta mesma comunidade. Ainda que tenha sido uma investigação de curta duração – seis meses, sensivelmente – e há já bastante tempo, muitas das observações feitas são, certamente, actuais e relevantes para o enquadramento étnico que se pretende fazer.

Quanto à bibliografia proposta tem, desde já, duas vertentes essenciais: por um lado há a preocupação com temas de abordagem sociológica para uma melhor compreensão dos Açorianos Americanos e por outro lado há a preocupação de inclusão de autores que versam os Estudos da Tradução.

Para ilustrar as diferenças culturais dos Açores de há cerca de cinquenta anos atrás dos EUA, gostaria de citar um excerto de uma entrevista que fiz na Ribeira Grande em 1991 a um ex-emigrante reformado que tinha trabalhado na América do Norte:

“Nos Açores, eu nunca tinha visto um comboio. Lá na América só se liam letreiros que eu não percebia e o metro era a correr muito. E tudo o que eu tinha levado comigo era um pãozinho embrulhado num jornal, debaixo do braço, que, de nervoso, nem me apetecia comer”.

O estudo dos grupos étnicos norte-americanos constitui matéria de interesse fascinante em termos antropológicos, especialmente após a luta pelos direitos civis dos anos cinquenta e sessenta do século XX, quando o sentido de grupo e de pertença a um grupo se desenvolveu e nos anos setenta a luta pela acção afirmativa culminaram na auto-identificação dos norte-americanos através daquilo que se pode chamar uma “hifenização”. O hífen liga dois continentes e é comum um Norte-americano dizer que é *Asian-American* ou *Italian-American*, por exemplo. Grande parte da auto-identificação nacional do comum Norte-americano passa por identificar-se com o *stock* étnico dos seus antepassados. A noção de América enquanto “melting pot” proposto por Israel Zangwill¹ ou uma “Nação de Nações” como Walter Whitman sugere metaforicamente no seu poema, desenvolveu-se a partir do papel importante que o sentimento de pertença a um grupo específico desenvolveu na formação daquele país. “Diversidade” e “pluralismo” são dois dos aspectos mais publicitados da cultura norte-americana.²

Estes dois aspectos foram usados para encorajar pessoas a emigrarem para a América. “Tolerância, liberdade, igualdade, oportunidade” foram palavras-chave para as Açorianos que demandavam as terras da América do Norte; não podemos esquecer que muitos emigraram também para o Canadá. Apesar de parecer algo agradável, os

emigrantes sabiam que haveriam de encontrar um mundo novo estranho, mas mesmo assim iam, e em grupo. Nos tempos primordiais e coloniais, muitos dos colonos podiam ser apenas uns marinheiros isolados, que se deslocavam nos mares sem as famílias, mas à medida que o tempo de povoamento europeu se foi desenvolvendo, as pessoas que iam para os Estados Unidos iam quando já tinham alguém que os ajudasse lá a instalar-se.

Estariam preparados para fazer o mesmo por um parente recém-chegado no futuro, quando eles próprios já lá estivessem instalados. Formariam, assim, uma cadeia entre o Velho Continente e o Novo Mundo, com uma teia social de malhas bastante apertadas. À medida que os diferentes grupos de colonos começavam a sua vida num lugar específico do continente, a identificação dos indivíduos com o seu grupo ia-se tornando particularmente forte. "Nós, os ingleses da Virgínia," por oposição àquilo que "os alemães da Pensilvânia" estavam "a fazer por lá", tornou-se uma forma de compreender a diversidade que todos os imigrantes levaram com eles. A diversidade norte-americana é criada a partir dos diferentes costumes levados do "Old Country", bem como a partir das diferentes maneiras, segundo as quais esses hábitos se foram adaptando às novas formas de vida.

Noutros países o etnicismo está profundamente ligado à manutenção dos *stocks* locais originais. Nos Estados Unidos, à medida que os grupos de Americanos Nativos iam sendo aniquilados através do genocídio pelos colonos europeus, o etnicismo tornou-se cada vez mais ligado à importação de novos *stocks* através da imigração.

Numa perspectiva alargada, a imigração é uma das tendências dinâmicas que deu forma à cultura norte-americana. O que torna os Estados Unidos da América um caso original de etnicismo é o facto de, exceptuando os americanos nativos, todos os grupos étnicos provêm de origem estrangeira ao país, e apesar de estarem orgulhosos das suas raízes étnicas, também se organizam hierarquicamente segundo o princípio que dita que "os melhores são os mais antigos".

Um dos efeitos da crença em tal escala é o fenómeno da obsessão com o tornar-se bem sucedido, tentando "fazer uma vida melhor do que aquela que tinham no país de origem". O culto da mobilidade social enquanto símbolo do estatuto do grupo desenvolve rivalidade e competição entre os vários grupos étnicos. Um exemplo é a dicotomia racial entre brancos e negros: "Today, whites tend to exaggerate how well

and how quickly they escaped from poverty, and contrast their experience with poverty-stricken Negroes.”³

Os indivíduos e os grupos étnicos que estão mais bem apetrechados para serem bem sucedidos na nova sociedade são aqueles que são mais parecidos com os da maioria. Neste sentido, “integração” está baseada na capacidade de alguém se tornar assimilado dentro do grupo dominante. Isto também significa que aqueles que são mais aceites são aqueles que são mais capazes de se conformarem com aquilo que é considerado a norma. Aqueles que recusam conformismo à maneira dos anglo-saxões encontram mais dificuldades do que aqueles que se conseguem adaptar ao grupo dominante.

Quanto mais o grupo se expôs a uma tradição urbana e industrial no país de origem, mais rapidamente tem a oportunidade de ascender na “escada do sucesso” no novo mundo. Um grupo que tem um talento especial ou que é especialmente instruído, que aliás não é vulgarmente o caso na história da imigração⁴ tem uma melhor oportunidade de se integrar na nova sociedade. A sociedade de acolhimento vê vantagens em aceitar o novo grupo, pois este será visto como uma aquisição de valor e como tal digna de ser bem acolhida.

Tornar-se integrado geralmente significa a ajustar-se às formas pré-existentes. Quanto mais rapidamente o grupo se consegue “americanizar”, melhores são as suas oportunidades de competir e ganhar num sistema capitalista hiperdesenvolvido e corporativo. Por isso o grupo tem de compensar a perda – mais ou menos voluntariamente – das suas formas originais através da valorização daquilo que é particular ao grupo.

Superficialmente, o etnicismo americano manifesta a individualidade do grupo através do consumo de “comidas étnicas”, e através de festividades e celebrações trazidas dos países de origem. E é este último aspecto que interessa mais no contexto antropológico. No entanto, após alguns anos ou gerações, estes costumes tornam-se diferentes daqueles que foram trazidos originalmente. Nos Estados Unidos da América os costumes açorianos sofrem uma evolução que é separada da evolução que os mesmos costumes sofrem no país de origem. Por isso não são os mesmos que eram quando foram levados para a América, e também são diferentes daqueles que coexistem no tempo no país de origem.

É exactamente porque a sociedade norte-americana é muito diversificada que o laço comum a todos os grupos étnicos terá de ser o respeito pelo pluralismo e pela igualdade de direitos entre aqueles grupos. Todos os grupos étnicos começam por ser “mais um grupo de imigrantes que chega aos Estados Unidos”. Defende-se que num estágio primordial de etnicismo, o laço comum que produz unidade dentro da diversidade é a tentativa de prolongar e conservar as características daquilo que foi deixado para trás. Nessa tentativa, as características sofrem uma evolução e afirmam-se, tornando-se nos traços culturais e étnicos adaptados. As estórias passam de episódios para histórias que no seu conjunto formam a História.

Nos EUA há importações de formas étnicas de outros países e as formas de etnicismo não são directamente “transplantadas” para o novo continente, mas antes refinadas e adaptadas. Nem mesmo a terceira geração, durante tanto tempo considerada na história da crítica da imigração como aquela que “regressou às raízes”⁵, consegue reproduzir as formas do país de origem na América. Não há um “transplante”; há uma reconstrução da memória no tempo e no espaço longínquos. As formas das comunidades étnicas açorianas são construções sociais de expressões culturais e não as expressões em si próprias (Wolfe, 1982: 56)⁶.

Independentemente de essas comunidades serem ou não um enclave, protegidas das pressões da maioria ou num *ghetto* mais ou menos em paralelo com a maioria, não é verdade que as reproduções sejam fiéis. Não se deve tomar nenhuma *Chinatown* ou *Nihon-machi* em nenhuma cidade norte-americana, como uma amostra realista com o que a República Popular da China ou o Japão se parecem, independentemente do que turistas sequiosos com uma máquina de filmar, desejosos de provar comidas “diferentes”, escolhem acreditar.

Para ilustrar a ideia de que um grupo étnico nos Estados Unidos não é uma réplica fiel das sociedades das quais ele provém, pode-se citar Whitman: “a child, very old, over waves, towards the house of maternity, the land of migrations, looks afar” (WHITMAN, 1855:266).

2. O Fado Açoriano-Americano

A reescrita da memória não vem em primeira-mão; Katherine Vaz reconstrói a história dos Açores recontando, à sua maneira, "Fado e Outras Histórias". Quem nos garante que a ficção de Katherine Vaz não passa por aquilo que se chamava "o realismo mágico" e não é moldada através da memória das estórias que o seu Pai açoriano lhe contava em criança? Há uma óbvia distanciação no espaço: de uma ilha para um continente, de uma aldeia para uma urbe, da Europa para a América. Por seu lado, há também distanciação no tempo: não é necessariamente um tempo cronológico, mensurável em relógios ou calendários. É uma distância num tempo imaginado, de um tempo "perdido da infância" no dizer de Sophia de Mello Breyner, de um tempo que já passou e que se reconstrói num presente ficcional actualizado na leitura de cada leitor.

A obra de Katherine Vaz, californiana a viver na Costa Leste engloba: "Fado and Other Stories", que teve a 1ª edição em português em Agosto de 2003; também escreveu "Mariana" e "Saudade". Nas traduções usa-se a língua portuguesa e a sua sonoridade naquilo que a própria Katherine Vaz chamou os "shh, shh' sounds" (os sons sh, sh). De raízes católicas, Katherine Vaz aceita notoriamente a noção do milagre, o extraordinário não é incomum. Pelo contrário, a autora escreve com aquilo que já foi intitulado como "Magical Realism".

Katherine Vaz tem preocupações com a Atemporalidade, já que as suas histórias se poderiam passar num Tempo sem tempo; Katherine Vaz também se situa num território da Distopia, pois as suas histórias são geograficamente universais.

Há, sem dúvida, a necessidade imperiosa de traduzir a literatura portuguesa para inglês com o objetivo de haver uma maior divulgação; também existe a necessidade de recuperar leitores portugueses para a literatura que é escrita sobre eles noutras línguas, tomando Katherine Vaz como um exemplo. As metáforas da tradução como porta e como ponte de Michael Cronin ilustram bem aspectos da Tradução como abertura para um novo mundo de possibilidades e também como ligação entre duas culturas.

Quanto à questão da (in)visibilidade do Tradutor, por haver respeito pelo texto que está a ser traduzido e pelo manter da identidade do Autor expressa no estilo dele, mas na língua da receção, ter-se-ia de fazer um estudo aturado de análise comparativa de discursos (o original e a tradução publicada), nas suas vertentes enunciativas para

ficar com uma noção mais precisa. Do outro lado da barricada está a noção de co-autoria por parte do Tradutor, que defende a visibilidade da figura do Tradutor como um segundo Autor. A dimensão universalizante da obra antes e depois de ser traduzida, é sem dúvida diferente, dependendo do número de leitores a que pode chegar nas duas línguas. Por vezes a técnica da tradução do tradutor tem de ser ditada pelas regras de mercado que os canais transmissores das traduções (as casas editoras) se vêem obrigadas a impor devido a necessidades económicas de chegar a um público mais alargado. Também seria interessante centrar-nos nos estudos da receção da obra traduzida por parte do público consumidor de literatura.

¹ Segundo Max Lerner em “People and Place” in Nation of Nations, Peter Rose, ed, Nova Iorque, Random House, 1972, p 117, a imagem de Israel Zangwill da “melting pot” é uma metáfora perigosa: “[It is] a dangerous metaphor since it implied that all the immigrant strains must be purified by being assimilated with something more American”. A assimilação significa, segundo Peter Rose, conformidade com as atitudes anglo-saxónicas (in They and We, Nova Iorque, Random House, 1990), e por isso, perda de particularidades de cada grupo étnico. Lerner também mencionou a imagem de pluralismo cultural de Horace Kallen nos Estados Unidos da América como uma sinfonia, em que a orquestra toca uma música harmoniosa pelas diferentes secções de sopro, teclas, cordas e percussão.

² Quando afinal “pluralismo”, segundo Peter Rose em They and We é apenas um aspecto do processo de um estrangeiro se ajustar à nova cultura do país em que vive. Nesta obra, Peter Rose propõe três termos diferentes: “assimilation, amalgamation, cultural pluralism”. Segundo este autor, os imigrantes que foram assimilados pela sociedade Norte-americana foram integrados através do conformismo com as maneiras de viver dos brancos protestantes anglo-saxónicos, os tão chamados “Wasps” (White Anglo-Saxon Protestants). A “fusão” corresponde ao conceito de “melting pot” com o intercâmbio de ambas as culturas. “Pluralismo cultural”, continua Rose, traz riqueza à nação acolhedora como um todo, pois recebe contributos das várias tendências nacionais dos países de onde os imigrantes vieram.

³ In Kerner Commission, “Comparing de Immigrant and the Negro Experience”, in Nation of Nations, op cit, p 230.

⁴ E anos de escolaridade estão sem dúvida ligados ao estatuto social bem como com as capacidades económicas: “The rich stay in Europe... it is only the meddling and the poor that emigrate”. Max Lerner, in Nation of Nations, op cit, p 112.

⁵ Nomeadamente pela escola que acredita na teoria de Marcus Hansen relativa à terceira geração de imigrantes como personagens-chave da reconciliação entre as formas que os imigrantes deixaram no país de origem e aquelas que eles desenvolveram nos Estados Unidos da América. In, Marcus Lee Hanson, “The Study of Man. The Third Generation in America” in Commentary, 1952, pp 492-500.

⁶ In Eric Wolfe, Europe and the People Without History, Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 1982.